

Cabeleireira conta detalhes de videochamada entre Henry e a mãe

Monique Medeiros estava em um salão de beleza, e profissional flagrou a conversa com o menino

BRUNA FANTTI
bruna.fantti@odia.com.br

ANDERSON JUSTINO
anderson.justino@odia.com.br

A Polícia Civil ouviu na quarta-feira pelo menos mais três testemunhas no inquérito que investiga a morte do menino Henry Borel. Além da irmã do vereador Dr. Jairinho (sem partido) e da empregada doméstica L.M., uma cabeleireira que atendeu a professora Monique Medeiros no dia 12 de fevereiro também prestou depoimento na 16ª DP (Barra da Tijuca).

A profissional contou em detalhes uma conversa de videochamada entre mãe e filho, que presenciou no momento em que ela atendia Monique em um salão no Shopping Metropolitano, na Barra da Tijuca. Segundo ela, Henry iniciou a ligação questionando a mãe se ele a atrapalhava. “Mãe, eu te atrapalho? O tio disse que te atrapalho”. Em resposta ao filho, Monique disse que ele não a atrapalharia de maneira alguma.

A mulher seguiu acompanhando a conversa e percebeu o momento em que Monique perguntou para o filho o que tinha acontecido e por que ele estava chorando. “O tio bateu” ou “O tio brigou”, respondeu. Logo depois, pediu para que a mãe voltasse para casa logo: “Mamãe, vem pra casa logo”. Após a conversa com o filho, a babá Thayna de Oliveira Ferreira filmou Henry mancando.

Ainda segundo a cabele-

A cabeleireira revelou que soube que Monique era mãe de Henry através dos noticiários

reira, minutos depois de conversar com o filho, Monique recebeu uma ligação que seria de Jairinho. Ao atender o telefone, Monique iniciou a conversa nervosa e dizendo que: “Você nunca mais fale que meu filho me atrapalha, porque ele não me atrapalha em nada”, e continuou: “Você não vai mandar ela embora, porque, se ela for embora, eu vou junto. Porque ela cuida muito bem do meu filho. Ela não fez fofoca nenhuma (em referência à babá). Quem me contou foi ele”.

Ao fim da conversa, a professora respondeu da seguinte forma para Jairinho: “Quebra, pode quebrar tudo. Você já está acostumado a fazer isso”.

Depois de ter sido atendida, Monique saiu do salão apressada. A profissional diz que conheceu a professora em janeiro deste ano, quando ela esteve pela primeira vez no estabelecimento.

Segundo a cabeleireira, Monique esteve em outras duas ocasiões no salão. A última, no dia do sepultamento do filho. A moça revela que soube que a professora era mãe de Henry através dos noticiários.

Hoje, uma outra namorada de Jairinho, de nome Débora, irá depor.



Henry, de quatro anos, morreu no dia 8 de março. A mãe, Monique, e o padrasto, Jairo Souza, estão presos, suspeitos de assassinato do menino



A empregada doméstica L.M. (com a cabeça encoberta) prestou depoimento na quarta-feira, na 16ª DP

Monique dava ansiolíticos a Henry, diz empregada

► O depoimento da empregada doméstica que trabalhava no apartamento de Monique Medeiros e Jairo Souza, mãe e padrasto de Henry Borel, trouxe mais detalhes da rotina de horror que a criança vivia. A doméstica, de 57 anos, que a reportagem irá identificar pelas iniciais L.M., disse que Monique dava, três

vezes ao dia, remédios para ansiedade a Henry, com o intuito de fazer a criança dormir. Além disso, relatou, na sede policial, vômitos frequentes do menino e um ataque de pânico que ele teve ao viajar no Carnaval com o casal.

Henry morreu no apartamento em que vivia com a mãe e o padrasto, na Barra da

Tijuca, na Zona Oeste do Rio. No depoimento, realizado na quarta-feira, e que teve duração de cerca de seis horas, na 16ª DP (Barra da Tijuca), L.M. disse que “Monique e Jairo tomavam muitos remédios, (mas) não sabia o motivo”. E acrescentou: “Monique dava a ele (Henry), três vezes ao dia, remédio para ansiedade;

e Monique também dava um xarope de maracujá a Henry; Que tais remédios, segundo foi narrado por Monique à declarante, eram dados porque Henry não dormia direito, passava muito tempo acordado”, diz trecho do documento, ao qual **O DIA** teve acesso.

Por Bruna Fantti

MP analisa imagens de Dr. Jairinho na cadeia

THUANY DOSSARES

► O Ministério Público do Rio (MPRJ) está analisando imagens do vereador Dr. Jairinho, dentro do Complexo Penitenciário de Bangu, na Zona Oeste do Rio. Ele foi preso, no último dia 8, suspeito de matar o enteado, Henry Borel. O diretor de um presídio pediu para ser afastado do cargo, na quarta-feira, após denúncias de regalias.

O DIA apurou que, até o momento, as imagens do circuito interno de segurança da unidade prisional não demonstraram que Jairinho tenha tido benefícios irregulares, como trânsito livre. Após denúncias de que Jairinho e sua companheira, Monique Medeiros, tiveram regalias, durante a passagem pela Cadeia Pública José Frederico Marques, em Benfica, na Zona Norte do Rio, o diretor da unidade pediu para ser exonerado, na quarta-feira. A informação foi confirmada pela Secretaria de Administração Penitenciária (Seap) do Rio.

CADASTRO

Entrada em presídio sem foto

■ Presos no dia 8 de abril, suspeitos do assassinato de Henry Borel, 4 anos, Jairo Souza e Monique Medeiros ingressaram no sistema prisional como criminosos de ‘alta periculosidade’. Além disso, a ficha de cadastro, à qual **O DIA** teve acesso, não possui a foto deles com uniforme verde padrão e cabelos cortados. O mesmo já ocorreu com presos famosos, como Jorge Picciani, que foi presidente da Alerj, e o empresário Eike Batista. Na ocasião, o fato foi analisado pelo Ministério Público como privilégio.

A reportagem fez contato com a Secretaria de Administração Penitenciária (Seap) e ainda não havia recebido um posicionamento até o fechamento desta edição.

De acordo com um especialista em sistema prisional, que preferiu não ser identificado, o preso é classificado pela direção do presídio com periculosidade baixa, média, alta ou muito alta, de acordo com o crime que cometeu. “Há outros fatores como ser líder de organização criminosa. A maioria dos traficantes já ingressa com classificação alta”, disse. Jairo e Monique possuem em suas fichas classificação de alta periculosidade.

Por Bruna Fantti